



Sônia Queiroz  
Carla Coscarelli  
Organizadoras

# Ao cair das máscaras





Sônia Queiroz  
Carla Coscarelli

Organizadoras

# Ao cair das máscaras

DRAGON-FLY

2021

*Seleção e organização dos textos*

Sônia Queiroz  
Carla Coscarelli

*Projeto gráfico e diagramação*

Ana Raquel Bastos

*Preparação de originais*

Ana Raquel Bastos

*Revisão de provas*

Olivia Almeida

*Endereço para correspondência*

Rua Custódio Maia, 31  
32372-160 | Contagem - MG  
dragonflyeditora@gmail.com

*Copyright © 2021 Editora Dragon-Fly*

*©Permitida a reprodução de partes desde que citada a fonte.*

# Sumário

<b>Cuco</b>	<b>7</b>
Belo Horizonte, 11 de agosto de 2020	8
Carolina Miranda Camillo	
Sete meses	10
Thiago Hernani Gonçalves Maciel da Silva	
<b>Postagem</b>	<b>11</b>
Carta para o meu eu de 10 anos atrás	12
Bárbara Sartore	
Querido Papai	16
Clarelis Araújo	
Divonete Mendes Santos, 76 anos	19
Gabriela Mendes Lira	
<b>Relatos</b>	<b>20</b>
11 de julho de 2020	21
André Figueiredo	
Às vezes, tudo igual. Às vezes, nada do mesmo	23
Marcelo Megale	
Breve relato de minha imobilidade	25
Amaury da Silva Nogueira	
Fique em casa	27
Vitória Roscoe	
Relato de um dia comum, em um momento não muito comum	30
Camila Guerra Contine	

Sobre a vida	32
Felix de Alcantara	
As coisas que eu ouço	34
Lais Mariana do Nascimento	
Todo dia ele faz tudo sempre igual	35
Lucas Soalheiro	
<b>Era uma vez</b>	<b>37</b>
Um dia de pandemia	38
Ágatha Carolline Galdino	
Recomeço	41
Raquel Saraiva	
Meus dias de contos e recontos	43
Ádria Magalhães	
<b>Vice-versando</b>	<b>48</b>
Da janela	49
Julia Barbosa	
Rotina matinal	50
Izabela Reis Zacaroni	
Completar	51
Clarice Maria Xavier Pereira	
Construir	52
Camila Cristina Lopes Braga	
Morremos	53
Janiny Fernanda Nominato Santos	
Não houve tremor no céu	54
Patrícia Franca	

**Dentro de casa, fora do mundo?**

**Fique em casa!**

**Cuco**

Belo Horizonte, 11 de agosto de 2020

Acordei por volta das 8h da manhã. Ouvi minha mãe na cozinha e o cheiro de café já inundava a casa. Peguei meu celular e me enfiei nas redes sociais em busca de (des)informação, passava rapidamente pelas notícias e me demorava nas postagens de fofoca.

Mil mortos.

Finalmente tomei coragem e me levantei da cama, cambaleante parei na frente do espelho sem nem ao menos notar meu próprio reflexo. Enxaguei o rosto, escovei os dentes e descii ao encontro da minha refeição favorita. Minha mãe perguntou se eu vi o jornal, “é um absurdo o que esse homem que chamam de presidente fala. Queria ver se fosse a mãe dele no leito do hospital!”. Desbloqueei o celular e percorri mais uma vez a seção de entretenimento.

Dez mil mortos.

Bem alimentada, mas ainda sem ânimo, retorno ao quarto. Meu quarto-escritório-home office-casa. Ligo meu computador, assisto alguns vídeos no YouTube, respondo e-mails. 10h e ainda nem comecei meu dia de trabalho. Me distraio vendo o que meus amigos estão fazendo em suas casas, com suas famílias, com seus bichinhos... Agradeço por ter amigos bons e empáticos.

Cinquenta mil mortos.

18h e eu ainda não terminei as tarefas propostas. A cabeça latejante me lembra que pulei as refeições e que ainda não tomei banho. Meu corpo quadrado de ficar sentada o dia inteiro na frente do computador pede arrego. Faço a postagem do dia nas minhas redes sociais, a fotógrafa que não fotografa há 4 meses precisa manter a roda do capitalismo girando de alguma forma. Deito a cabeça na cama, verifico mais uma vez o celular (por algumas horas). Fecho os olhos, respiro fundo, medito. Tento não pensar em nada, mas a mente pensa em tudo ao mesmo tempo. Abro os olhos.

Cem mil mortos.

Carolina Miranda Camillo

Sete meses

Faz sete meses desde que vivo algumas estações e esqueço de mim em outras.

Faz meses desde que passei a me questionar se o mundo lá fora permanece o mesmo.

Acho que não.

Sete meses desde que percebi que se isolar do mundo é diferente de ter o mundo isolado de si.

(e, sinceramente, gostava mais quando eu podia escolher).

Sete meses e, talvez, mais sete.

Acho que não.

O noticiário diz que não.

Espero que não.

As janelas estão abertas, mas a porta não.

Ainda não.

Thiago Hernani Gonçalves Maciel da Silva

# Postagem

## Carta para o meu eu de 10 anos atrás

Piracicaba, 05 de agosto de 2020.

Oi, Bárbara,

Quanto tempo! Você ainda tem 17 anos e está no último ano do ensino médio – e bem que eu gostaria de dizer que já estamos graduadas, mas houve um pequeno imprevisto. Na verdade, aconteceu uma coisa horrível: estamos em 2020 e ainda não temos carros voadores e ninguém usa roupa prata. Ok, não é isso que vim te avisar, mas estou começando devagar porque o que está acontecendo aqui no futuro você jamais teria como imaginar e vou continuar com o suspense porque preciso te atualizar sobre outras coisas antes.

Primeiramente: não, você ainda não sabe o que está fazendo com a sua vida. Também não está mais na sua cidade natal – na verdade até mudou de estado! Os celulares avançaram tanto ao ponto de você ter acesso à internet através deles a qualquer hora do dia e você tem seu próprio notebook, então não precisa mais dividir o computador com seu irmão – mas calma, devo avisar que você adquiriu seu notebook em 2011, por isso tenha paciência porque ele já não tem a mesma velocidade de antes e é possível que ele dê defeito a qualquer momento. Aliás, é uma boa hora para te contar que mais do que

nunca você vai depender desses eletrônicos para suas aulas na faculdade (sim, você passou!).

Bárbara, a verdade é que deu tudo errado. Existe um vírus, o coronavírus, que se espalhou de tal forma entre os humanos que agora vivemos numa pandemia, o que significa que o mundo inteiro está tentando combater uma doença que infectou (até o dia de hoje) mais de 18 milhões de pessoas e matou no mínimo 700 mil. A doença é denominada Covid-19, visto que ela teve início ainda em 2019. Não vou mentir: não parece que a situação vai mudar tão cedo (estou esperando a carta da Bárbara de 2030 para me contar o desfecho).

Nossas medidas de segurança são a quarentena, o fechamento do comércio, suspensão de aulas e de qualquer evento que possa gerar aglomerações. Você está sem sair de casa desde 18 de março. Você não sabe o que é pisar numa calçada há quase cinco meses. Seu medo maior é pela saúde dos seus avós porque essa doença é mais cruel com idosos e outras pessoas que estão no que chamamos de “grupo de risco”. Eu sei, parece uma distopia ou algum filme apocalíptico de baixo orçamento, mas é a realidade.

As pessoas são obrigadas a usar máscara na rua. Era estranho no início, mas já acostumamos ao ponto de achar esquisito alguém estar *sem* máscara. Elas viraram item de moda e surgiram vários modelos com estampas diferentes. As pessoas também foram descobrindo vários hobbies: fazer pão, tricotar, reformar a casa, fazer cursos

on-line. No seu caso, surpreendentemente, você começou a fazer exercícios físicos.

O tempo foi passando e com ele o medo de muita gente também foi embora. Gostaria muito de poder dizer que todos ainda estão se ajudando e ficando em casa, mas isso seria mentira. Atualmente você se sente boba por estar se protegendo porque muita gente já se cansou de seguir as recomendações da Organização Mundial da Saúde e estão se encontrando com outras pessoas, fazendo festas ou andando sem máscaras.

Por conta do isolamento suas aulas foram suspensas, assim como o seu plano de se formar neste ano. A faculdade que você estuda é a UFMG e eles voltaram com as aulas de forma on-line – o que te faz não atrasar tanto o curso, mas também te faz questionar se terá disposição para pensar em estudos num momento como este. O importante é que você tem todos os equipamentos necessários para conseguir fazer as aulas e isso é um privilégio.

A verdade é que dez anos se passaram, mas o sentimento de estar perdida com o que vai acontecer no futuro ainda é o mesmo. Não estou dizendo isso apenas pela questão da pandemia, e sim porque você nunca vai conseguir adivinhar os caminhos que vai traçar e aonde a vida vai te levar. Logo, se eu pudesse te dar um conselho seria o de não tentar controlar cada aspecto da sua vida, o mundo não vai seguir seu roteiro. Pense como uma coisa positiva: a vida é imprevisível, portanto não precisa

se preocupar porque vai dar tudo errado e eventualmente as coisas se acertarão.

Abraços (metafóricos apenas, pois ainda são contraindicados).

Bárbara Sartore

P.S.: Sim, você ainda tem cabelo colorido.

Belo Horizonte, 11 de agosto de 2020.

Querido Papai,

Sei que nunca te chamei assim, mas depois que você se foi achei essa maneira extremamente fofa para me referir *ao senhor*. Como tenho me comunicando com o Senhor quase sempre em minhas orações, decidi escrever essa carta contando sobre as atualizações do mundo depois que você decidiu viajar, com passagem somente de ida, ao encontro de um amigo a quem dedicou enorme parte de suas orações.

Confesso que estava aliviada por poder me despedir de você de maneira tão carinhosa e formal, há aproximadamente cinco meses essas ações sequer são permitidas, temos como lembrança um pequeno livro com diversas assinaturas de pessoas que assim como eu te amaram profundamente, as pessoas que estão indo para o mesmo destino que você não tiveram tamanha sorte. Você deve tá se perguntando o que aconteceu, enfim, fomos atropelados por uma pandemia mundial, estamos em “isolamento” há cinco meses, você entende as aspas, né? Sempre pertencemos à classe trabalhadora, esse isolamento não nos alcança nem nos pertence. Minha mãe é grande exemplo disso: quando o assunto surgiu, a patroa logo se preocupou: “como farei sem a Rosa?”, pobre coitada não sabe lavar a própria louça, pediu para que minha mãe fosse pelo menos duas vezes na semana, no auge de seus sessenta anos, enfrentando ônibus lotado

(outras pessoas também tiveram propostas como essa ou piores) em plena pandemia, parece até ironia, mas não é. A minha irmã mais velha, mãe de três filhos, demitida no início desse ciclo e contratada em seguida por uma nova empresa, contrariando as expectativas, enfrenta a rua e o ônibus todo dia. Detalhe: Sua amiga de trabalho foi diagnosticada com Covid.

No entanto, algumas coisas nunca mudam, estamos todos juntos, os sete, em uma casa de seis cômodos. Tiramos sarro com frequência da norma de saúde não assegurar nossa família, nem nossa favela. O lema “Ter que rir para não chorar” nunca nos vestiu tão bem. Estamos tentando nos virar, minha Mãe e a Maitê nunca tomaram tanto banho na vida, eu e a Cla tivemos algumas ideias para tirar um dinheiro extra nessa época, incentivamos minha mãe a produzir toucas de cetim, e começamos um pequeno negócio pelo instagram. Apesar do deboche, as coisas até que deram certo em outros pontos de vistas, a quarentena nos serviu em muitos aspectos, contarei com detalhes.

Bom, ao meu respeito sempre *te* atualizo, hoje no entanto quero ser completamente sincera. Apesar de todas as dificuldades, me sinto verdadeiramente amada, convivendo intermitentemente com todos aqui em casa. Poder olhá-los de maneira completamente diferente da superficial que sempre me acompanhou é um grande privilégio, consigo perceber suas fragilidades, suas exaustões, seus medos e incertezas. O momento foi

propício para nos desfazermos de nossas armaduras e nos permitir ser fracos, frágeis e sensíveis em todos os sentidos possíveis. Confesso que somente agora consegui viver meu luto em te perder, sem máscaras nem filtro, chorei devastadoramente os litros de lágrimas guardados em mim. Está sendo difícil ficar tão próxima de mim mesma, é difícil olhar para dentro e ser engolida por tanta incerteza, por tanto medo, relembrar as decepções, os erros e deixar que meu orgulho seja consumido e diluído. Aprendi a dividir com todos nesta casa meus sonhos, meu colo, meu ombro, meu abraço, meu afeto.

Minha faculdade voltou recentemente, as aulas sempre foram um de seus assuntos preferidos, sinto em dizer que as coisas estão difíceis, a Fump tem nos dado assistência essencial nesse processo, vamos mudar o pacote de internet, que está fraca demais, e estou quase completando o dinheiro para acrescentar a bolsa do notebook, as aulas já começaram, uma correria só, estamos todos tentando nos adaptar a essa nova realidade, eu sigo tomando um coro do computador, nunca tive familiaridade. Sempre que posso vou à casa do Jonathan fazer algumas tarefas e realizar as atividades, sigo na tentativa.

Eu amo muito você, até breve.

Clarelis Araújo

## **Divonete Mendes Santos, 76 anos**

Dona Diva, ontem, 23:48h, 2 meses que meu rio se tornou sertão.

Três horas para escrever uma linha, vó. Viver é custoso quando sua casa está vazia.

Gabriela Mendes Lira

# Relatos

11 de julho de 2020

É sábado e acordei empolgado para estudar. Depois de uma videoaula, tive vontade de fingir que nunca me matriculei em um curso na vida. Essa tem sido a quarentena em 2020: instantes de empolgação repentina que te fazem começar mais um projeto, seguidos de momentos de constante desespero devido ao acúmulo de tarefas e à falta de energia para realizá-las.

Por sorte hoje tive um dia bom e finalmente assisti ao musical *Hamilton*. Eu aguardava há muito tempo o lançamento desse musical. Ele conta a história de Alexander Hamilton, um dos “pais fundadores” dos EUA, e a versão do filme corresponde a uma gravação do espetáculo na Broadway em 2016. Mesmo já conhecendo as músicas e sabendo a história, fiquei fascinado pela performance (e assisti duas vezes seguidas, o que nunca faço). Em várias músicas, Eliza, esposa de Hamilton, canta sobre a sorte dos personagens estarem vivendo em uma época de transformações políticas e sociais (a história se passa durante a independência dos Estados Unidos). Ela canta inicialmente junto de suas irmãs e, a partir de então, o verso é ecoado ao longo de todo o musical. Em um dado momento, esse verso repetido pela personagem se transforma em uma forma de convencer seu marido, ambicioso e inquieto, a se manter salvo e vivo para que possa experienciar os frutos das mudanças para o novo século. Ele morre assassinado em uma disputa política e ela é obrigada a contar a história dele, como forma de dar manutenção a seu legado.

Após ver o musical e me divertir, me peguei pensando sobre o que a história significou para mim. Me dei conta de que, nesse exato momento da humanidade, a única resposta possível para a pergunta de Eliza “*look around, how LUCKY we are to be alive RIGHT NOW?*” é, talvez, “nenhuma”?. Sua voz e sua mensagem ressoam como um constante lembrete a nos fazer refletir sobre o contexto histórico em que vivemos. Temos sorte de estar vivos, sim, reconheço esse ensinamento de qualquer epifania motivacional. Porém, qual a sorte de viver em tempos em que sinto que pouco posso fazer para mudar as coisas? Não vejo vantagem em viver quando a desesperança me toma o controle.

Não sei como será quando as aulas voltarem. Tenho um computador próprio que uso para trabalhar e estudar, um lugar na minha casa em que posso me concentrar e disponibilidade para me comunicar com os professores e monitores, seja e-mail ou plataformas de vídeo chamadas (tentando evitar ao máximo o telefone e o WhatsApp, que mal consigo olhar e responder em meio a tantos grupos de trabalho). Só não sei se conseguirei conciliar todos os dias tudo o que preciso fazer, mantendo organização, tranquilidade e esperança. Se não conseguir todos os dias, uso a noite, como foi durante os últimos anos de graduação. Olhando ao redor, tenho sorte de ainda poder estudar em tempos tão difíceis. Se o estudo é tudo que tenho, sigo.

André Figueiredo

## **Às vezes, tudo igual. Às vezes, nada do mesmo.**

Marcelo Megale

Há 150 dias, levo os meus dias de uma maneira muito parecida. Acordo, me exercito rapidamente, tomo um café da manhã às pressas e começo a trabalhar. Sempre me considereei uma pessoa “da rua”. Gosto dos prédios, do barulho, do movimento, dos rostos ao longo do caminho, dos encontros inesperados durante o trajeto de um lugar para o outro. Talvez por isso, o isolamento tenha sido tão difícil para mim. Mas tento manter o pensamento organizado e concentrado nas atividades que preciso realizar ao longo do dia. Sigo trabalhando. Paro, faço meu horário de almoço, converso um pouco com a minha mãe sobre as notícias do jornal de meio-dia e volto à labuta. Entre uma playlist animada e uma sequência de podcasts sobre reflexões da vida jovem-adulta, o expediente corre. Às 17h, quando meu horário de trabalho termina, respiro fundo e penso: mais um dia igual aos outros, mas ao mesmo tempo tão diferente. Igual nas atividades, diferente dos costumes. Nada de trânsito, nada de encontrar uma amiga inesperadamente no ponto de ônibus, nada de xingar mentalmente o tempo que gasto no trânsito ao me deslocar do trabalho até a faculdade. Aproveito o meu acesso à internet para navegar e “estar” em outros lugares, com outras pessoas, mesmo na segurança (às vezes, na prisão) das quatro paredes do meu quarto. E,

assim, levo os dias do jeito que dá. Entre uma angústia e outra, descobrindo como viver o “novo normal”. Um dia de cada vez. Superando as dificuldades físicas e emocionais. Resignificando os cômodos da minha casa. Às vezes, durante uma chamada de vídeo com uma amiga, finjo que a minha cozinha é aquele bar que costumávamos a ir nas sextas-feiras depois de trabalhar a semana inteira e almejar uma cerveja gelada. No fim das contas, o que esse período de isolamento requer é jogo de cintura e muita coragem. Para enfrentar as adversidades, as turbulências e tentar encontrar felicidade nas sutilezas do dia a dia.

## Breve relato de minha imobilidade

Amaury da Silva Nogueira

Assim que as aulas foram suspensas em março, eu passei a ficar a maior parte do tempo em casa, em quarentena, algo a que eu talvez já esteja bem acostumado. Eu já trabalhava a maior parte do tempo em casa, no meu estágio, e passei a fazer todo o trabalho remotamente. No meu apartamento eu tenho um bom local para estudar e trabalhar, tenho um bom sinal de wi-fi, tenho privacidade. Conforme a pandemia piorava, sair de casa se transformava numa aventura perigosa e até emocionante: será que eu já peguei o vírus? Quando irei pegar o vírus? Meu irmão, com quem divido apartamento, voltou para nossa cidade ainda em abril, assim que o transporte rodoviário deu-lhe condições para fazer isso. Eu permaneci alguns dias ainda no apartamento, sozinho, saindo muito pouco, pedindo comida por aplicativo, me comunicando por aplicativo, até a situação se tornar insustentável. No Dia das Mães, talvez como um presente, eu disse que voltaria para minha cidade. Desde meados de maio estou aqui. Manga é uma pequena cidade às margens do Rio São Francisco e nos confins do norte de Minas. Talvez fosse mais justo dizer que aqui já não é Minas. Aqui estamos muito bem, eu, meu irmão, minha irmã de 5 anos, minha mãe e meu pai. Passo os dias brincando com a pequena, cuja energia não acaba nunca, lendo e

observando as diferentes espécies de pássaros deitado na rede, na frágil sombra do imbuzeiro nu, passeando no fim da tarde com os cachorros, trabalhando (quando há trabalho, e ultimamente não há), esperando o tempo passar, assistindo séries e mais séries, suspirando...

Conseguimos uma boa internet dessa vez, um sinal muito estável, quase nunca cai. Isso é raridade por aqui. Tenho um quarto onde posso me enfurnar e estudar/trabalhar com privacidade, embora haja sempre o risco de receber a visita de minha pequena irmã e dos cães, que vêm se aninhar sobre as cobertas. Pouco a pouco volto a mergulhar na rotina acadêmica, mas, claro, tudo agora é diferente.

Os dias são muito parecidos, mas ainda é possível identificar o sábado e o domingo, que continua a ser um dia terrível. Minha produtividade diminui, meu cansaço aumenta, minha solidão também, embora os mesmos rostos estejam sempre por aqui. Quero voltar ao meu apartamento e respirar o ar sujo da avenida. Jogar no lixo todas as plantas que morreram. Livrar-me da poeira. Ninguém pode viver bem estando parado.

## **Fique em casa**

Vitória Roscoe

São oito horas, mas ainda não quero me levantar. Tem louça na pia, poeira nos móveis e bagunça dos gatos no quintal. Ele ainda está dormindo, e provavelmente vai continuar quando eu começar com as tarefas. As minhas, as nossas, as dele. Ele não percebe que também usa o edredom que eu estou pendurando no varal enquanto joga videogame?

Mas ele faz as compras, porque eu não quero e não consigo colocar o pé pra fora do portão. E traz o sabonete que eu gosto de usar. Ele cozinha. Não todos os dias, mas cozinha. Ele molha as plantas quando eu esqueço. E compra mudas novas na floricultura quando é ele quem se esquece e elas acabam morrendo.

Eu voltei a dar aulas na primeira escola em que trabalhei com uma esperança que agora vejo ingênua sobre o retorno financeiro. É por “demanda” e me rendeu menos de duzentos reais esse mês. Estou sendo sustentada pelo auxílio do governo, que não foi o suficiente para comprar um computador novo quando o meu estragou, logo quando eu precisava trabalhar. Bendito cartão de crédito. Por que ele recolhe o lixo da casa toda e nunca recolhe o do banheiro? Senti que minha rotina ia começar a voltar com o compromisso de planejar aulas para as manhãs de

segunda e quinta, mas virou uma bagunça ainda maior com a minha pouca habilidade para administrar as tarefas da casa junto do trabalho. Ou habilidade de perceber e impor minhas prioridades acima das “necessidades do lar”.

É engraçado, porque já tive um cotidiano tão mais corrido, dando vinte aulas presenciais por semana, provas de nove turmas para elaborar e corrigir, três horas diárias de trânsito, quatro na faculdade, uma semanal na terapia, e a casa estava (quase) sempre em ordem. Acho que agora que nós, mulheres, estamos em casa o dia todo, eles supõem que tomaremos conta dela. E nós, inocentemente, supomos que eles farão o mesmo. Na verdade, eles não só não pegarão as responsabilidades para eles, como também ficarão profundamente incomodados quando você se recusar, esquecer ou não puder fazer, dizendo que você deixou de “cuidar”. E vai dizer que você confunde “trabalho” e “cuidado” quando na verdade são eles quem nunca entenderam as diferenças entre esses termos quando esperam o primeiro sendo realizado sem remuneração sob a máscara do segundo. Essas camisas foram lavadas há uma semana, ele não vai guardar nunca?

Por que existem expectativas quase inatas de que sou eu quem deve se apropriar das responsabilidades domésticas? Que ótimo, quebrei o rodinho da pia. Eu não sei como vai ser agora que as aulas voltaram e foi preciso antecipar esse novo cenário pra ele, porque eles não

enxergam as tarefas a serem feitas com a naturalidade que nos foi ensinada desde pequenas. Eles se acostumaram a deixar a casa atrás do trabalho porque têm uma de nós para cuidar dela enquanto eles ganham o mundo. E nós a deixarmos nossos sonhos de lado porque “alguém” tem que cuidar da casa.

São vinte e três horas, mas ainda não posso me deitar. Tem mais louça na pia, poeira no meu cabelo e uma prioridade para enviar por e-mail. E envio pensando em quantas mulheres não chegaram ao final do texto porque precisaram parar para fazer a janta.

## **Relato de um dia comum, em um momento não muito comum**

Camila Guerra Contine

Hoje é segunda-feira, mas parece sexta. Ou seria o contrário? Não sei. Até cinco minutos atrás, eu achava que estava mais para um sábado. Minha mãe tirou a mesa do café. Por que meu irmão passou correndo pela cozinha? Deve estar atrasado para a aula. Sentei em outra mesa para estudar. A criança do vizinho não para de gritar, e são apenas oito horas da manhã.

Está tudo tão normal, e tão diferente. Tudo tão quieto e inquieto. Não sei se digo isso em uma perspectiva de fora para dentro, ou de dentro para fora.

Não sei. É o que eu mais tenho dito nesses últimos tempos. Não sei se amanhã chove ou faz calor, pois parei de acompanhar a previsão do tempo com medo de ver mais uma notícia ruim. Não sei se amanhã a internet estará boa o bastante para carregar um vídeo inteiro sem travar, pois me parece que ela também tampouco sabe de algo.

É difícil saber, pois o ontem se misturou com o amanhã e virou um só. E não há nada que eu possa fazer por conta disso. Sair de casa? Nem pensar. Viajar até a lua? Impossível. Tocar piano? Seria uma ótima ideia, se eu tivesse um.

Ler um livro, estudar, me perder em um website qualquer e voltar ao início dos planos que eu tinha para as minhas tarefas do dia. Pensar em inutilidades, rabiscar a mão com caneta e brincar com o cachorro. Pela milésima vez, aceitar o fato de que eu (e o resto da humanidade) fui derrotada por um organismo acelular e invisível.

Na medida do possível, tento não saber de nada. Na medida do impossível, busco manter a mesma rotina de antes. Na medida do provável, vou até onde consigo. Para onde mais eu iria, afinal?

## Sobre a vida

Felix de Alcantara

Viver tem sido um pouco assustador, porém é melhor do que não viver. Faz muitos meses que não passeio ou vejo família ou amigos ou qualquer um que não viva perto o suficiente para partilhar cômodos. Não digo que tudo isso me afeta profundamente, de um modo egoísta até gosto de viver só com meus gatos, meus livros, meu computador. Machuca mais o que vejo pela rua, esse descaso, essa insensibilidade, essa agonia de sobreviver mais do que viver.

Todas as noites vejo o céu de Belo Horizonte e algumas janelas. Ainda há vida.

Sinto que vivemos em um mundo fantasioso. Um terrível mundo fantasioso em que a razão é nula perante a fé. Não condeno a fé, exceto quando impõe a morte aos inocentes.

As portas voltaram a abrir, mas até quando?

Tenho comprado coisas demais. Livros. Jogos. Aparelhos de tecnologia. Apesar disso, sinto que meus gatos não são amantes do consumo. Trituram, mascam, destroem tudo. Não os culpo, precisam mais de atenção do que papel e circuitos. Mas ficaria feliz se não tivessem destruído meu fone antigo. Tudo bem, comprei outro. Devo dizer que a tecnologia não é minha melhor amiga,

descobri logo que usei o fone que o microfone embutido não funciona em meu computador. Que azar. Não sei se tenho mais problema com internet ou ela comigo, mas algo abalou nossa relação definitivamente. Enfim, está tudo bem, vídeos e áudios podem ser supridos, porcamente, por celular, grande invenção para a procrastinação.

Tenho visto tudo de muito longe. Talvez ajude a me manter são. Talvez eu não esteja são há muito tempo.

Mas torço para que o Brasil mais do que sobreviva, viva. Torço para que a crueldade que nasce como erva daninha sobre a pele humana se destrua, mesmo agora tão tarde. Torço para ver todos felizes de novo.

## As coisas que eu ouço

Lais Mariana do Nascimento

Ouço da janela os gritos de “parabéns pra você”, as músicas dançantes e as conversas descontraídas. Os cachorros latindo, o carro do ovo, a furadeira do apartamento vizinho. Ouço a chuva caindo e o vento rugindo, o podcast motivacional, o “hit” da semana. Ouço o despertador, o chuveiro e o apito do micro-ondas. O dia clareia e escurece. No mercado uma vez por semana. Põe máscara, tira máscara. Tira, limpa, higieniza. Todo dia parece igual mas nada parece como antes. Eu ouço a TV, mas logo desligo. Parece que tem algo de errado com a que eu tenho aqui em casa: ela só me dá más notícias. Me deixa com medo, me aprisiona. Mas da janela eu posso ouvir que nem todo mundo se sente assim.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Escrito a partir da notícia: “Pelo 2º dia seguido, jovens se aglomeram sem máscara em posto de combustível em SP”. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/09/20/pelo-2o-dia-consecutivo-jovens-se-aglomeram-sem-mascara-em-posto-de-combustivel-em-sp.ghml>

## Todo dia ele faz tudo sempre igual

Lucas Soalheiro

Levantando no horário usual e tradicional das 8h da manhã, com enrolações costumeiras sequelas da preguiça matinal. Segue o mesmo caminho de ir à cozinha e tomar seu café, senta-se na sala no aguardo do início do dia, contempla por momentos o que deve ser feito durante o dia sabendo muito bem que provavelmente será exatamente como ontem. Talvez com pequenas variações aqui e ali, mas o mesmo de toda forma.

Todo dia ele diz que vai se cuidar, tomar conta de si mesmo, dizendo o mesmo que vem se dizendo desde o começo disso tudo. Segue a agenda regular, atentando aos horários do começo do trabalho, ele pensa em parar, ele pensa em dizer não. Não pode. Deve continuar a fazer o mesmo de sempre, sentar em frente ao computador e começar sua jornada virtual de trabalho. A tarde passa, às vezes vagarosa mas sempre tranquilamente, o trabalho transcorre normalmente, sem interrupções e sem grandes problemas. Mantém-se assim por dias, confundindo a segunda e a sexta.

Seis da tarde como era de se esperar, tudo segue dentro do normal, trabalho feito. Já se desprende dos afazeres obrigatórios do trabalho, sem notar que o que aconteceu hoje, aconteceu ontem também. Entra na noite

aguardando o alento de não se opor à passagem do tempo, e deita-se aninhado com o amor.

Todo dia ele faz tudo sempre igual. Levanta no horário usual, aquele mesmo das 8h da manhã. Dessa vez olha pra janela, sente falta do mundo. Coisa pouca. Todo dia ele faz tudo sempre igual.

**Era uma vez**

## Um dia de pandemia

Ágatha Carolline Galdino

Alice acordou naquela manhã de terça-feira e viu que ainda era cedo demais para quem já estava em isolamento social há cinco meses. Ela respirou fundo e virou para a parede, deitada em sua cama. Quem sabe conseguia dormir mais um pouco, assim seriam menos horas acordada naquela rotina.

Depois de um cochilo cheio de sonhos malucos – ela sempre sonhava com o trabalho, que as coisas haviam voltado ao normal, porém não tinha nada de normal, de fato, em seus sonhos – ela finalmente levantou. Conferiu as redes sociais, que se tornara um hábito um tanto quanto chato, mas qualquer coisa era bem-vinda para passar o tempo, e já se irritou. Ela tinha um mau humor característico de manhã, sabia que qualquer coisa o deixava pior, mas era difícil mudar isso, ela tentava desde criança. Largou o celular em cima da cama e foi fazer um café, um pequeno vício que tinha há anos. Ela costumava dizer que só assim para a alma voltar para o corpo e ela ser uma pessoa normal.

Depois do café Alice viu seu reflexo no espelho da sala e decidiu que precisava tomar um banho. No início de todos os acontecimentos que a fizeram ficar presa em casa, ela jurou que faria um cronograma capilar. Não passou

do primeiro dia, a paciência para cuidar dos cabelos havia ido por água abaixo. Ela só os lavava quando considerava ser a hora, e fim. Eles ultimamente passavam mais tempo presos do que soltos. Ela terminou seu banho e sentou sob a janela da sala de seu apartamento para tomar um pouco de sol, o inverno em Belo Horizonte estava bem frio neste ano.

Quando Alice deu por si, já era quase hora do almoço. Ela saiu da sala e foi para a cozinha. No dia anterior já deixara tudo mais ou menos preparado, então não teria muita dificuldade hoje. Terminou de fazer a comida, almoçou e sentou-se em sua cama. Ela passeava entre grupos de Whatsapp, diversos joguinhos baixados no celular e serviços de streaming para assistir alguma série nova, mesmo que estivesse atrasada em tantas outras. Assim foi boa parte da sua tarde, até que cansou. Ela sentou à mesa em frente ao computador e esperou que ele ligasse.

O trabalho remoto desde que a pandemia começara era a coisa mais ridícula, como Alice costumava dizer. Ela era professora da rede pública de ensino e as instruções foram seguir o cronograma que o próprio Governo criara, com videoaulas na tv e uma apostila bem básica. Os professores deveriam estar disponíveis para tirarem dúvidas e criarem conteúdos, a partir das apostilas, caso quisessem. A adesão dos alunos era irrisória, então naquele dia Alice só conferiu se alguém tinha feito a última atividade postada no sistema on-line. Ela respirou fundo

com a lentidão da internet, às vezes o 4G era melhor que a instabilidade do plano contratado em casa. “Alice, você é da era da internet discada, deixa de imediatismo”, disse para si mesma. Ela riu sozinha e ficou jogando ludo no celular enquanto conferia todas as suas turmas.

De repente chegou a notificação de um e-mail novo e ela logo se dispôs a abrir. As aulas na universidade começaram naquela semana e, apesar do receio de como as coisas funcionariam, ela estava animada. Era uma mudança na rotina de meses, quem sabe ela não se sentiria mais viva fazendo alguma coisa. Um sorriso escapou de seus lábios quando ela viu quem mandara o e-mail e logo largou o celular. Leu com cuidado, um misto de emoções enquanto o fazia, e riu ao terminar. Ela se viu obrigada a fazer algo que tentara durante os últimos meses, mas não tivera cabeça para isso. O psicológico tinha altos e baixos em meio à pandemia, mas ela gostava muito de escrever. Escrever era liberar sentimentos que às vezes nem ela mesma percebia que tinha lá no seu íntimo. Alice abriu um documento de Word, olhou para o cursor piscando na tela, respirou fundo e disse a si mesma: “Vamos lá, você gosta disso.” E então começou a digitar. Em menos de uma hora ela tinha uma página inteira escrita e aquilo a saudou como se fosse um velho amigo que não via há muito tempo.

Alice dormiria melhor naquela noite, ela tinha certeza disso.

## Recomeço

Raquel Saraiva

A princípio ela não tinha se dado conta da gravidade da situação. Na verdade, tinha até gostado da ideia de ficar em casa por uns dias, afinal, andava se sentindo a última das criaturas por passar tanto tempo fora. Achava que os filhos viviam jogados, obrigados a comer aquela comida mais ou menos, requentada no micro-ondas.

No começo parecia excelente; o cheiro bom da refeição que era servida pontualmente ajudava a dissolver pouco a pouco aquele remorso infernal. Porém, os dias foram se sucedendo, e ela percebeu que a família não padecia tanto assim com sua falta.

Para dizer a verdade, sua presença constante acompanhada daquela neurose por limpeza, estava era enlouquecendo todo mundo. Não só se deu conta de que aporrinhava a todos com suas manias, como também notou que andava para explodir. Sentia falta da rotina que tinha antes da pandemia, do trabalho, dos amigos, das aulas. Definitivamente não podia mais retroceder, aceitar mansamente aquele “todo dia sempre igual” de dona de casa.

Foi então que a saudade começou a doer fundo no peito. Queria mesmo era sentir seus pés entrarem outra vez pela portaria da universidade, mas nem

imaginava quando isso seria possível. Era tão inédita a situação que todos viviam, tão absurdo o desenrolar dos acontecimentos, que não havia qualquer condição de afirmar quando e como as atividades seriam retomadas.

Vieram os primeiros rumores, as primeiras notícias, os primeiros e-mails e, por fim, a certeza: aulas remotas.

Dúvidas? Várias. Mas, sobretudo, prevalecia mesmo era aquela sensação gostosa de estar voltando.

Trancou a porta, ligou o computador, a internet estava excelente: hora de recomeçar...

## Meus dias de contos e recontos

Ádria Magalhães

O dia amanhece mais devagar. O celular despertando não tem mais a urgência desesperadora de todas as manhãs e a solução para meus problemas está sempre em casa. Não há ninguém que eu precise encontrar às 9h00 após duas horas de viagem até o local. Em fato, elas estão logo ali na sala ao lado, e tudo que preciso fazer é ligar o computador após acordar um pouco mais tarde do que o usual. Estou mais descansada, as noites são maiores, e embora haja uma calma em poder fazer meu café da manhã e me sentar em meu próprio escritório para começar mais um dia de trabalho, estou agitada.

Ligo o computador e meu e-mail está mais cheio do que costumava estar, e não há mais a preocupação humana sobre o quanto minha pequena equipe de preparação e revisão de material consegue entregar em pouco tempo. Isso porque os tempos mudaram, uma instituição EAD vê ainda mais oportunidades nisso, e a oportunidade de negócios nem sempre vem com a preocupação de como fazer aquilo ser possível.

Logo, tomo meu chá e como uma torrada, muitas vezes antecipadas por minha namorada, e começo a fazer o meu trabalho. E-mail por e-mail, analisando e organizando em ordem de urgência e distribuindo na

equipe antes que todos cheguem. Mas não há tempo. Meus gatos sentem a carência e a felicidade de eu estar em casa, e entre tirar um de cima do colo e outro de cima da máquina, logo aparece algum problema on-line por Hangout, em que preciso parar tudo que estou fazendo para resolver; não estamos mais lá ao vivo, mas agora tudo parece mais urgente do que antes.

O estresse vem e, agora, posso me levantar da mesa e ir até a janela de casa, dando-me conta de que não abri para deixar o sol entrar e ventilar o ambiente como a prefeitura instruiu. Abro, e meu humor muda um pouco com os raios quentes de sol em vez do congelante ar-condicionado usual da empresa. Volto para os problemas e, entre um e outro, me dou o direito de fazer breves pausas e começar a fazer o almoço. Algo terapêutico e que me alegra, o cheiro do almoço que posso fazer traz o reconforto da comida caseira e de poder comer ao lado de minha companheira, enquanto faço um intervalo de 30 minutos antes do computador voltar a chorar por minha atenção. Entre “plim!”, “turudum!” e “tudum!”, ele me avisa dos e-mails, mensagens de Whatsapp e Hangouts que me aguardam para outro problema resolver. Outra urgência. Não há como fazer um intervalo completo.

Dessa forma segue meu dia de trabalho, interrompido pelo esbaforido desesperar de vários outros setores sobrecarregados com as novas demandas da modalidade home office, que ao mesmo tempo que acalma por poder estar em casa, desespera e parece fazer com

que esqueçam, que do outro lado há alguém também trabalhando e com urgências: o problema de cada um se tornou mais importante que o do outro.

No devaneio desse pensamento todos os dias, olho pela janela da sala vendo as crianças do condomínio de casas antigas onde moro, correndo, gritando e brincando, e nas varandas as mães e avós conversando entre si, e se interrompem para dar alguma bronca por uma bola chutada no portão de um vizinho: “MENINO! CHEGA DESSA BOLA AGORA! PASSA PRA CÁ”.

O que dizer? Parece apenas mais um dia normal. Em fato, todos os dias parecem, pelo reboiço da vizinhança, um grande domingo. Entre churrascos, pagodes, crianças, furadeiras e fofocas, me fazem perguntar se eles se lembram do que está acontecendo. Uma vez ou outra ouço alguma voz abafada e arfante de alguém de máscara passando, e elas os cumprimentam com um “Ô meu filho, como que tá? Fazendo compra, é?!” , e esse responde algum: “Sim! Cadê as máscaras, dona? Tem que usar, viu? O vírus tá por aí”, e só então, quando alguém menciona diretamente o vírus, ouço os moveres de precaução. É estranho que seja só nesse momento, como crianças repreendidas que estão fazendo algo de errado, que algo muda, já que todas são do grupo de risco nesse condomínio de pessoas idosas e famílias com crianças pequenas.

Nós já conversamos também. Sim, avisamos, e ainda assim o único casal da vila que parece se preocupar mais é um casal de venezuelanos, que até tela branca

colocaram nas grades da varanda e só pedem compras para serem entregues e deixadas no portão. Logo eles, que sempre estavam na garagem aberta do centro do condomínio, ligando churrasqueira com a filha pequena deles, fazendo batata-doce e tomate na brasa, sempre brincando na chuva com ela ou saindo de bicicleta, e são os que menos tenho visto fora de casa. Conscientes, eu digo, e ainda assim tenho o privilégio de ouvir as risadas e falas misturando o espanhol com português da pequena, enquanto brinca de pega com os pais amorosos.

Entre todas essas conversas e distrações de uma vila que mais parece do interior do que do bairro Liberdade de Belo Horizonte, eu estou tentando revisar e formatar os textos do trabalho e lidar com os “apitares” do computador. Já deu meu horário, o dia já esfriou e apesar disso não posso sair da máquina. Não há hora de terminar. Mesmo quando bato meu ponto digital, ainda sou chamada para resolver algum problema diferente e minha rotina continua além do tempo normal. Mas só posso agradecer, porque em tempos incertos eu posso estar no conforto de minha casa, pagando minhas contas de luz e internet, e, sentada em meu sofá com minha companheira, ler com ela contos e escrever novos todos os dias. Juntas, encontramos formas criativas de relaxar e nos sentir seguras em tempos em que os próximos dias são uma incógnita.

Minha rotina não é mais normal, certamente preciso dedicar mais tempo ao meu trabalho, mas ainda

assim é melhor do que poderia estar em um país onde as pessoas voltam a agir normalmente quando chegamos a 100 mil mortos pela “febre”, segundo a senhora de 87 anos, minha vizinha, Yolanda.

– Não, Dona Yolanda – eu respondo, é por causa da COVID e do nosso presidente.

**Vice-versando**

## **Da janela**

Os fragmentos de vida estão lá fora.  
Eu tô aqui dentro.

Eu vejo as árvores verdes, vivas  
balançando devagar.  
Vejo sua paz e me pergunto  
se elas sabem  
o que tem se passado no reino dos homens.

Julia Barbosa

## Rotina matinal

A gente levanta do sono, mas será que acorda pra vida?

cê viu? vi não  
né possível que cê não viu  
ah, não, *aquele* eu vi  
mas cê viu depois? vi não  
como assim? foi logo depois  
ah depois daquele não olhei mais não

Izabela Reis Zacaroni

Completar

Eu vou costurando,  
de ponto em ponto

A FALTA

Clarice Maria Xavier Pereira

**Construir**



Camila Cristina Lopes Braga

Morremos.

Janiny Fernanda Nominato Santos

## I

Não houve tremor no céu. Nenhum indício.  
Nenhuma cantaria ou grito, nem a sétima badalada dos sinos.  
Nenhuma procissão anterior, nem a vinda de cavalos negros.

Nada houve. Foi limpa a véspera.

## II

Desta vez, não.  
Não os fantasmas de tua casa anônima ou a medula  
descolada de teus ossos.  
O abandono do pai, o semblante amante oculto na memória.  
Nem o vulcão ardendo, queimando enquanto a lava  
escalda o rochedo frio  
e as ondas se alastram pela terra a engolir a quem  
ninguém pôde acudir  
a delatar o pacto assombroso do fogo: volver às águas.

## III

Descamparam-se palavras pétreas sob a cal.  
Crivam palavras de carne e sangue a salvação do ar  
crivam a denúncia soprada há milhares de anos.  
Somos andaluzes do tempo.  
Aqui, não se cria raiz a esperança posta sobre homens.  
O avesso acende a matéria bruta, e desta seiva  
reconheces e desejas viver  
quando te cerca a dura presença do que não se vê, do  
que não se chama.

## IV

Dá-me tuas duas mãos vazias

como as lavadeiras mergulham lençóis no rio  
e do tecido se apaga a mácula de ontem, se arrasta  
pelo torvelinho que alcança margem e desemboca no mar.

Dá-me, então, o manancial que se arroja de nossas bocas  
como nunca antes agora sempre.

Dá-me de inscrever atrás dos olhos o silêncio da noite inteira  
como a mudez de quando acordas arrebatada por este  
sem-rostro  
e dormes pela tarde depois de tanto desconhecer,  
escurecer e aclarar  
pasmado doloroso: é o rebento do mundo.

## V

Desta vez, paredes de mármore, chão de areia.  
Ninguém pôde fugir. Profeta nenhum herdara a mensagem.

Patrícia Franca

## Sobre as organizadoras



### Carla Viana Coscarelli

É professora da Faculdade de Letras da UFMG e atua principalmente nas áreas de estudos da linguagem, educação, tecnologia e leitura em ambientes digitais. Coordena o projeto de extensão Redigir e é autora do *Livro de Receitas do Professor de Português - Atividades para a sala de aula*, publicado em 2018; e coautora do livro *Letramento digital: Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*, publicado em 2017.



### Sônia Queiroz

É poeta, escritora, professora da Faculdade de Letras da UFMG e pesquisadora nas áreas de oralidade e escrita, poesia, conto, canto e transcrição. Além de textos esparsos em antologias e periódicos, destacam-se seus livros de poesia *O sacro ofício*, Prêmio Cidade de Belo Horizonte 1980, e *Relações cordiais*, publicado em 1987, na Coleção Poesia Orbital, edição comemorativa do Centenário de Belo Horizonte; e o livro de contos *Madrinha*, publicado em 1987.

Os textos que compõem este livro foram produzidos no primeiro semestre de 2020 nas disciplinas Estudos temáticos do texto e do discurso: Escrita criativa, ministrada pela professora Carla Coscarelli, e Edições comparadas e Preparação de originais, ministradas pela professora Sônia Queiroz.